

## **A ARTE DE NARRAR BENJAMINIANA E A NARRATIVA DE JESUS DA GALILEIA**

*Luiz Henrique Pereira Júnior*

### **RESUMO**

À luz do conceito de *experiência* e da *arte de narrar* benjaminianos, deseja-se entender a forma apaixonante do movimento de Jesus de Nazaré naquela província romana da Galileia, e a repercussão inquietante e revolucionária, que provocaram seus ensinamentos, mas ao mesmo tempo, de que forma essa narrativa corre o risco de se tornar uma história pela qual quase ninguém se interesse mais.

**Palavras-Chave:** Jesus. Experiência. Narrador.

### ***THE ART OF NARRATING BENJAMIN'S AND THE NARRATING JESUS`***

### **ABSTRACT**

*In light of the concept of experience and the art of narrating Benjaminians, wishes to understand the passionate form of the movement of Jesus of Nazareth in that Roman province of Galilee, and the disturbing and revolutionary repercussions that provoked his teachings, but at the same time, which forms this narrative runs the risk of becoming a "bland" story that almost no one is more interested in.*

**Key words:** Jesus. Experience. Narrator.

“Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”

(Mc 1, 22)

Saindo de Jerusalém e ultrapassando as fronteiras do mundo grego, das catacumbas dos mártires até as grandes basílicas romanas, do oriente para o ocidente, na Ásia e nas Américas, o cristianismo difundiu-se a partir de narrativas dos apóstolos, tornando-se por muitos séculos, uma das maiores religiões do mundo. O nascimento de Jesus Cristo marca uma nova era da humanidade e, a partir de então, não é possível dissociar a história universal da história do cristianismo. Os cristãos obedeciam ao conselho de seu Deus: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos (...) ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20), ou “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

O anúncio de Jesus Cristo, ou o Kerigma, foi o grande motor por meio do qual o cristianismo se expandiu, em alguns momentos, motivado por uma verdadeira fé, noutros, pelo ódio, pela espada dos cruzados, pelas “guerras santas” ou pela colonização imperialista que custou exploração e a vida de tantos e tantas. A história mostra que quanto mais os cristãos se distanciaram do evento fundante de sua fé e daqueles que foram as primeiras testemunhas oculares dos acontecimentos em torno do movimento iniciado por Jesus de Nazaré, a saber, os Apóstolos, mais se separaram também da essência de sua religião. A única fonte que os cristãos dispõem, para se manterem fiéis ao Kerigma, são as Escrituras, que consistem nas narrativas dos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), nas cartas de Paulo de Tarso e noutros escritos. Existem também textos dos primeiros cristãos, atas dos martírios, cartas dos escritores cristãos e obras dos padres da Igreja.

O distanciamento temporal resultou no desgaste das experiências e numa dura institucionalização que transformou uma religião de judeus pobres, camponeses, pescadores, prostitutas e prosélitos pagãos - que se reuniam em suas residências para ouvir o ensinamento dos anciãos e rezarem juntos - em uma religião oficial do estado. Seus ministros tornaram-se reis, príncipes e nobres que em nada se assemelhavam ao pobre carpinteiro de Nazaré,

chamado Jesus. Como compreender essa reviravolta? Por ventura teria sido resultado de fatores políticos, históricos e sociais? Certamente que sim, porém há algo mais que foi sendo esquecido e deixado de lado: a dimensão do testemunho das experiências de Jesus e que outrora fora narrada aos primeiros discípulos.

Segundo a fé cristã, o Cristo assumiu, no mistério da sua encarnação, toda a condição humana, com exceção do pecado. Jesus era inserido na realidade do seu povo, por isso não é estranho que ele soubesse se comunicar com todas as pessoas, sendo dotado de uma característica muito peculiar: era um ótimo narrador.

Para Walter Benjamin o mundo hodierno não conhece mais bons narradores, eles se ausentaram da nossa presença e se distanciam cada vez mais de nós. Assim afirma que a arte de narrar está em extinção (BENJAMIN, 1985, 201) e que são raros aqueles que sabem-no fazer. Aquilo que deveria ser uma faculdade própria do homem, por ser decorrente da sabedoria acumulada por gerações, está se extinguindo (BENJAMIN, 1985, 201) e a causa disso é que os indivíduos estão ficando pobres de experiências. Enfraquecida está portanto sua capacidade de intercambiá-las. Talvez a arte de narrar esteja fadada a seu desaparecimento total (BENJAMIN, 1994, 198). Ocorre que não é possível falar daquilo que não conhecemos, não é plausível e nem digno de crédito um discurso que não é testemunhado na própria vida do orador e muito menos quando as vivências do mesmo são muito mais indignas de admiração. Benjamin dá o exemplo da guerra de trincheiras, da qual seus sobreviventes nada tem a dizer, pois ficaram mudos, ante o caos da desmoralização humana.

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, 198) e as melhores narrativas, para Benjamin, são aquelas transmitidas pela tradição oral. Afirma ainda que a figura do narrador se torna visível em dois tipos fundamentais: o viajante e aquele que, estabelecido em um local, amechou um conhecimento digno de ser narrado. O primeiro é caracterizado pelo marinheiro viajante que vem de longe e que conheceu lugares, pessoas e culturas. O segundo tipo é caracterizado pelo camponês sedentário, um “homem que ganhou

honestamente sua vida, sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1994, 198). É nesse último tipo que Jesus de Nazaré se encaixa. Até os trinta anos, ele viveu em sua tribo, ao redor de sua família, trabalhando na carpintaria (conforme afirma a tradição) sendo educado conforme a cultura judaica. Com certeza prestou atenção a todas as experiências dos antigos e, por isso, seu ministério foi eficaz na arte de comunicar esses saberes.

“O senso prático é uma das características de muitos narradores natos” (BENJAMIN, 1994, 200) assim como o Galileu em questão. Jesus não ensinava coisas estranhas e alheias ao modo de vida de seus contemporâneos, ele era dotado de uma natureza de narrador. Por isso falava aos seus sobre coisas práticas e da vida quotidiana a fim de lhes anunciar o reino de Deus que se instalara com sua chegada. As pessoas procuravam Jesus para conversar (Jo 3,1-2). Multidões se formavam para ouvir seus discursos (Mt 5, 1-2; Jo 6,24) e as vezes ele não tinha tempo nem de comer. O fato é que o Nazareno transmitia às pessoas uma sabedoria que suscitava vida e esperança nos corações sofridos. Segundo Benjamin

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história. (...) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção (BENJAMIN, 1994, 200).

Para a doutrina cristã Jesus Cristo é a própria sabedoria encarnada, o verbo de Deus que se fez carne (Jo 1,14). Os relatos sobre a vida de Jesus impressionam o leitor atento que é capaz de captar, através de suas parábolas os conselhos e advertências tecidos na substância da existência – ao qual Benjamin dá o nome de sabedoria. Essa sabedoria tinha em mira a felicidade e a paz dos homens. Os conselhos e respostas bem acertadas eram isentos de refutação. Vale a pena recordar a resposta que ele dá quando questionado

sobre os impostos devidos aos romanos (Mc 12, 13-17) e sobre a mulher flagrada em adultério (Jo 8, 1-11).

Acima de tudo Jesus era um narrador de histórias, ele ensinava ao povo por meio de exemplos, em parábolas capazes de suscitar inquietação e que transmitiam uma mensagem apaziguadora porquanto sábia. Assim como o narrador de Benjamin, Jesus preferia evocar, exemplificar, dar a entender, permitindo que o ouvinte refletisse pro si mesmo e pudesse tirar suas conclusões. Na parábola do “bom samaritano” Jesus pergunta: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Ele respondeu: aquele que usou de misericórdia para com ele. Jesus então lhe disse: vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10, 36-37). No comovente episódio da mulher pecadora que lava os pés de Jesus com suas lágrimas e os enxuga com os cabelos durante um jantar na casa de um certo fariseu chamado Simão, Ele conta a breve parábola: “Um credor tinha dois devedores, um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais? Simão respondeu: Suponho que aquele ao qual mais perdoou. Jesus lhe disse: julgaste bem” (Lc 7, 41-43).

É interessante que Jesus nunca escreveu nenhuma obra, ele apenas falava às pessoas na forma natural do seu dia-a-dia. Para Benjamin o narrador se destaca pela oralidade. Sem dúvida a transmissão oral de um conhecimento intrinsecamente ligado “à substância viva da existência” de cada um (BENJAMIN, 1985, 200) foi um dos fatores que tornaram suas narrativas magníficas, sobretudo porque usava uma forma muito peculiar em suas narrativas: as parábolas. Parábolas são breves narrativas de conteúdo alegórico que tem como objetivo transmitir um ensinamento, isto é, ilustrar verdades. As parábolas podem evocar coisas transcendentais ou falar das coisas mais simples do dia a dia das pessoas, como aquelas contadas por Jesus, nas quais usa de elementos da vida do campo e da cidade, como sementes, vinhas, colheitas, moedas, uma festa de casamento, trabalhadores, um banquete, árvores, animais ou outras coisas do dia-a-dia.

Estão registradas nos Evangelhos cerca de sessenta parábolas, isto corresponde a um terço de todas as palavras de Jesus, porém, como ele

transmitia os ensinamentos na arte de narrar, tal o narrador de Benjamin, e nada escreveu, deixando essa tarefa aos seus discípulos, certamente o Galileu narrou ainda muitas outras que não chegaram até nós. As últimas palavras do Evangelho de João atestam: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam” (Jo 21, 25).

As parábolas de Jesus são profundas, simples e breves. Ele tinha a habilidade de se comunicar com todos os níveis sociais e com todas as áreas da sociedade, pois conhecia bem sua cultura, sua religião e os partidos que formavam a sociedade judaica (saduceus, fariseus, zelotes, herodianos e essênios), apesar de não se vincular a nenhum deles. Em alguns casos ele se utiliza de exageros como na parábola dos dez mil talentos (Mt 18, 23-35), uma soma de dinheiro tão alta que ninguém do seu tempo jamais poderia ter, para ilustrar a dívida que os homens têm para com Deus. Suas parábolas são sempre retiradas da realidade cultural e social de seu povo, seus interlocutores as compreendiam a partir do momento social, histórico, religioso e político em que se encontravam inseridos. Quando os ouvintes não eram capazes de compreender suas histórias, Jesus as detalhava.

Estas são algumas parábolas contidas nos Evangelhos sinóticos<sup>1</sup>: O Sal da terra (Mt 5,13; Mc 9, 49-50; Lc 14,34-35); A luz do mundo (Mt 5, 14; Mc 4, 21; Lc 8,16); Dos tesouros (Mt 6, 19; Lc 12, 33-34); O olho são (Mt 6, 22-23; Lc 11, 34); As aves do céu e os lírios do campo (Mt 6, 26; Lc 12, 24-48); Não podes servir a dois senhores (Mt 6,24; Lc 16,13); O argueiro no olho (Mt 7, 3-5; Lc 6, 41-42); Da profanação daquilo que é santo (Mt 7, 6); As duas estradas (Mt 7, 13-14; Lc 13, 23-24); Os lobos disfarçados em ovelhas e “Pelos seus frutos...” (Mt 7,15-20); A casa edificada na rocha (Mt 7, 24-27; Lc 6, 47); Vinho novo em odres velhos (Mt 9, 14-17; Mc 2, 18-22; Lc 5, 33-39); A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos (Mt 9, 35-38; Mc 6, 6-34; Lc 8, 1; Jo 4, 35); Dois devedores (Lc 7, 36-50); O sinal de Jonas (Mt 12, 38-42; Mt 16, 1-4; Mc 8, 11-12; Lc 11, 16; Jo 6, 40); Os verdadeiros parentes de Jesus (Mt 12, 46-50; Mc 3, 20-21; Lc 8, 19); A Parábola do semeador (Mt 13, 1-9; Mc 4, 1-

---

<sup>1</sup> Mateus, Marcos e Lucas

9; Lc 8, 4-8); A razão do falar em parábolas (Mt 13, 10-17; Mc 4, 10; Lc 8, 9-10; Jo 9, 39); Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Mt 11, 15; Mc 4, 8-23; Lc 8, 8); A semente (Mc 4, 26-29); O Trigo e o joio (Mt 13, 24-30); Parábola do grão de mostarda (Mt 13, 31-32; Mc 4, 30; Lc 13, 18-19); Parábola o fermento (Mt 13, 33; Lc 13, 20-21); Por que Jesus falou por parábolas (Mt 13, 34; Mc 4, 33-34); Parábola da pérola (Mt 13, 45-46); O tesouro escondido (Mt 13, 44); A parábola da rede (Mt 13, 47-50); Tesouros velhos e novos (Mt 13, 51-52); O Bom Samaritano (Lc 10, 29-37); Amigo importuno (Lc 11, 5-8); A Luz (Lc 11, 33; Mt 5, 15; Mc 4, 21); O Olho bom (Lc 11, 34; Mt 6, 22-23); Do rico insensato (Lc 12, 13-21); A Parábola da figueira estéril (Lc 13, 1-9); Contando o custo (Lc 14, 28-33); A ovelha perdida (Mt 18, 10-14; Lc 15, 1-7); O credor incompassivo (Mt 18, 23-35); A dracma perdida (Lc 15, 8); O Filho pródigo (Lc 15, 11-32); O mordomo infiel (Lc 16, 1-13); O parábola do rico e Lázaro (Lc 16, 19-31); Servo Inútil (Lc 17, 7-10); O juiz iníquo (Lc 18, 1-8); O Fariseu e o publicano (Lc 18, 9-14); Das riquezas (Mt 19, 23-30; Mac 10, 23-31; Lc 18, 24-30); Os trabalhadores da vinha (Mt 20, 1-16); Os talentos (Mt 25, 14-30; Lc 19, 11-27); Os dois filhos (Mt 21, 28-32); Os lavradores maus (Mt 21, 33-46; Mc 12, 1-12; Lc 20, 9-19); As bodas (Mt 22, 1-14); Parábola da viúva pobre (Mt 12, 41-44; Lc 21, 1-4); A figueira (Mt 24, 32-36; Mc 13, 28-32; Lc 21, 29-33); O dilúvio, a vigilância e o ladrão de noite (Mt 24, 37-44; Lc 17, 26-36; Lc 12, 39-40); O Bom servo e o mau servo (Mt 24, 45-51; Lc 12, 41-46); As dez virgens (Mt 25, 1-13); A Exortação à vigilância (Mateus 25:13; Marcos 13:33-37; Lucas 19:19-20); As ovelhas e bodes (Mt 25, 31-46);

As citações acima atestam que Jesus era de fato um narrador conhecedor das questões mais relacionadas aos problemas que afligiam as pessoas, e para cuja solução elas procuravam Jesus de Nazaré. Seus ensinamentos eram recortados - como mostram os temas acima - da experiência com a vida. Suas histórias e sua sabedoria eram fruto de experiência, quer fossem adquiridas por uma força divina (para os crentes) ou pela íntima relação com seu povo. O importante é que, como um bom narrador, ele sentia a necessidade de transmitir toda essa experiência aos seus, e estes, por sua vez, se regeneravam, depois de acolherem o conselho adequado à sua condição. Para Benjamin o mundo está pobre de experiências, pois a figura do narrador, que

se comunicava com os demais com palavras de coragem e sabedoria, está definindo. Com sua extinção da arte de narrar e de seu protagonista, desaparecem igualmente a experiência e a sabedoria - o conteúdo a ser transmitido no conselho:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, 114).

Jesus tinha uma autoridade reconhecida por todos. Tal autoridade não advinha de um poder temporal, como o econômico ou o político, mas procedia de sua experiência e sabedoria. De encontro ao autoritarismo dos mestres da lei, dos fariseus e da classe dominante e sacerdotal dos saduceus, a autoridade de Jesus se impunha pelo poder de seu testemunho, como atesta a narrativa do Evangelho: “Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1, 22). Não era simplesmente um poder adquirido intelectualmente, antes era a capacidade de testemunhar suas palavras através de sua própria vida, ou seja, Jesus ensinava aquilo que vivia e vivia aquilo que ensinava. Benjamin disse que a narração “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime, na narrativa, a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, 205). Por isso as pessoas escutavam Jesus e reconheciam nele a voz da experiência para uma vida digna e feliz. Seus provérbios exalavam sabedoria e chamavam a atenção de seus ouvintes quando dizia palavras como: "pode porventura um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?" (Lc 6,39). O acúmulo de experiências no inconsciente gera a sabedoria. Vejamos como pensa Benjamin acerca da relação entre autoridade dada pela sabedoria e a morte:



Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (BENJAMIN, 1994, 207).

Mesmo na hora de sua morte, pendendo moribundo no lenho da cruz, Jesus pronunciou sentenças que, como afirmou Walter Benjamin, são palavras tão duráveis que podem ser transmitidas, como um anel, de geração em geração, constituindo um ensinamento universal. Quem poderia esquecer a lição de perdão dada por Jesus antes de morrer? Disse ele intercedendo por seus algozes: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23, 34). Aquele que mandou perdoar setenta vezes sete (Mt 18, 21-22) dá o exemplo, mesmo na hora de seu martírio, por isso ele é constituído de autoridade e pode evocar seu próprio exemplo para ensinar a todos.

Jesus de Nazaré era um perfeito narrador constituído de autoridade e reconhecido por aqueles que se deixaram envolver pela sapiência de suas narrativas, não é à toa que o movimento messiânico iniciado por ele repercutiu e se expandiu rapidamente pelo ocidente e oriente. Como um bom narrador, Jesus não só sabia fazê-lo como também fez com que seus primeiros discípulos se tornassem bons narradores. Após sua morte, seus seguidores saíram por todos os cantos do mundo conhecido, anunciando sua ressurreição e narrando as histórias e exemplos de Jesus. Era o anúncio do Kerigma, isto é, a proclamação da pessoa de Jesus Cristo através da narração de suas histórias, ensinamentos e palavras. Os discípulos só testemunharam com autoridade e tiveram a recepção da parte de seus ouvintes, porque haviam feito uma verdadeira experiência de vida com seu Mestre. O livro dos atos dos Apóstolos relata um pouco da história das primeiras comunidades cristãs: “Com grande poder, os Apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação” (At 4,33) e “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, a comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42).

O movimento de Jesus não sucumbiu após sua morte, como as autoridades judaicas esperavam que acontecesse, e isso graças a faculdade de narrar dos discípulos que estavam imbuídos do espírito do mestre. Os primeiros cristãos se reuniam para ouvir os ensinamentos, em casas de família ou escondidos nas catacumbas durante o período das perseguições. O fato é que eles ainda não tinham um registro escrito acerca das histórias de Jesus, tudo que sabiam dele era através das testemunhas oculares da era apostólica e posteriormente daqueles que estiveram ao lado dos Apóstolos. Ou seja, a história de Jesus foi transmitida através da oralidade que se dava nas celebrações litúrgicas e nas famílias de pai para filho, constituindo-se aos poucos uma Tradição herdada daqueles que estiveram com Jesus.

Os Evangelhos surgem a partir da necessidade de conservar a história de Jesus, muitos foram redigidos, mas a Igreja determinou no Concílio de Nicéia em 325 d.C que apenas quatro eram inspirados por Deus e que apenas estes entrariam na lista dos livros sagrados. São chamados os evangelhos canônicos, os demais chamam-se apócrifos. Contudo, antes deles existirem, os estudiosos afirmam que havia um chamado “ditos ou Jesus” ou fonte Q (Quelle em alemão), que consiste justamente numa compilação de palavras de Jesus que serviu de fonte de pesquisa para aqueles que narraram a história de Jesus. O Primeiro a ser escrito foi o Evangelho de Marcos entre os anos 50 e 60, era dirigido a comunidade cristã de Roma. Mateus escreveu para os cristãos de origem judaica e Lucas para os cristãos provindos do paganismo (gentios), ambos entre os anos 70 e 80. O Evangelho de João foi o último, certamente escrito pelos membros da comunidade joanina na década de 90. Isso quer dizer que durante um período de 40 a 60 anos tudo que se sabia acerca de Jesus foi contado de boca em boca transformando-se em uma tradição narrada.

Walter Benjamin advoga que a morte da narrativa se dá com o advento da informação e do romance, pois se aquela é puramente estéril em relação à experiência de alguém, este último nada tem a ver com a tradição nem com a vida real dos homens, não é resultado de uma experiência de vida, mas apenas uma produção mental individualista e até burguesa. Afirma ele:

O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado (BENJAMIN, 1994, 201).

Os Evangelhos não são um produto da imaginação dos seus redatores, antes são fruto de uma experiência vivida por Jesus e por seus discípulos que foi compilada e registrada em livros, porém oriundos de uma tradição oral e que, como afirma Benjamin, a alimenta. Ao mesmo tempo os escritos evangélicos estão longe de ser alheios à vida concreta dos homens, ao contrário, eles penetram na existência humana e falam muito acerca do próprio homem. Em suma, os Evangelhos não são romances criados, pobres de vida, mas um conjunto de ensinamentos sobre a vida de Jesus e repletos de experiências. Assim inicia-se a narrativa do Evangelista Lucas:

Visto que muitos já empreenderam compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra – a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste (Lc 1, 1-4).

Hoje, no apogeu do capitalismo, Benjamin anuncia outra forma de comunicação que ameaça a narrativa, ainda mais do que o romance, isto é, a informação:

O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível “em si e para si”. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por este declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações (BENJAMIN, 1994, 203).

Vive-se num mundo que deseja saber a verdade de tudo, mas esse conceito de verdade está imbuído de um espírito cientificista que apenas crê naquilo que é comprovado pela razão. Todavia a verdade está muito além das coisas atestáveis. A narrativa não é prisioneira dessa tirania do demonstrável, sua autoridade reside na experiência que se manifesta através de suas histórias, no sentido que dá à vida das pessoas. Essa experiência não é uma mera notícia ou uma informação de conteúdos, mas uma partilha de vida. No caso dos Evangelhos, o que importa não é se os fatos e palavras ali narrados podem ser verificados e atestados pela ciência, na verdade eles não tem a função de serem uma biografia histórica ou um relato científico da vida de Jesus se Nazaré. Os Evangelhos são eminentemente livros de fé, escritos por homens de fé para uma comunidade de crentes. O que importa para eles não é, se os milagres de Jesus são comprováveis ou não, ou se suas parábolas eram histórias “reais” ou não, mas sim que eles falam de vida e dão sentido as suas vidas ensinando a viver melhor. Aqui o conceito de experiência não é aquele da demonstração racionalista, mas sim de um conjunto de saberes que não podem ser contidos dentro dos limites da razão.

“Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1994, 203), ou seja, é importante que o leitor ou ouvinte da narrativa tenha a liberdade de interpretação. Do contrário não é uma narrativa, mas uma informação. Depois que o cristianismo se estabeleceu como religião oficial do estado e a cristandade passou a ser muito mais um império do que uma comunidade de fé, as escrituras que narravam a vida e obra de Jesus deixaram de ser um dom de todos para se restringir a alguns privilegiados. Em outras palavras, os Evangelhos não eram mais narrados nas grandes basílicas, mas foram trancados e até proibidos para o povo, sendo simplesmente explicados segundo o autoritarismo dos eclesiásticos. Ou seja, os cristãos não tiveram mais acesso as experiências deixadas por Jesus de Nazaré e os próprios pastores da Igreja deixaram de lê-las com o coração, para fazer apenas exegeses e especulações escolásticas vazias de sentido. O povo teve de se contentar em saber quem era Jesus através da fria contemplação dos afrescos, vitrais e esculturas que se exibiam nas grandes catedrais, como um prêmio de consolação, mas que estavam longe de ter a profundidade e o alcance da

narrativa. Parece que a arte sacra foi uma forma de, como diz Benjamin, abreviar até a narrativa (BENJAMIN, 1994, 206).

Assim, os Evangelhos passaram de uma narrativa para uma informação, as crianças e os jovens não sabiam mais quem é o homem Jesus de Nazaré e passaram apenas a decorar, nas “aulas de catequese”, as fórmulas dos símbolos da fé e das orações fabricadas por outros. Não era mais possível interpretar as narrativas dos Evangelhos. Segundo Benjamin a informação castra a amplitude na narração quando afirma:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1994, 203).

A partir da perspectiva de Walter Benjamin, não é de se estranhar que os cristãos tenham perdido tanto de sua essência no decorrer dos séculos. Provavelmente esse desgaste se efetuou pelo distanciamento entre a experiência cristã primitiva que se propagou por meio da narrativa, a começar pelo fundador do movimento messiânico da Galileia, e por seus seguidores mais próximos. Jesus e seus primeiros seguidores foram narradores, mas a cristandade não o soube ser, a prova disso é que muitos cristãos hoje desejam até ardentemente falar de Jesus, mas não sabem como, pois falam dele como informando algo já pré-determinado e não permitindo que cada pessoa faça verdadeira e pessoal experiência com Jesus, isso porque os próprios informantes não fizeram essa experiência. É como que quisessem vender um produto que ninguém mais quer comprar porque já parece desatualizado, obsoleto e sem nenhuma validade. O verdadeiro cristianismo definha junto com a arte de narrar e de ouvir como afirmou Benjamin:

Com isso desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (BENJAMIN, 1994, 205).

A naturalidade, com a qual o narrador conta suas histórias, contribui para a assimilação por parte do ouvinte, de forma que elas serão enxertadas em sua

experiência e o mesmo (ouvinte) cederá mais irresistivelmente à inclinação de recontá-las um dia (BENJAMIN, 1994, 205). Para tanto, é necessário que o ouvinte seja um receptor atento, que dispense tempo para ouvir e encare o tédio como momento privilegiado para isso. No mundo da técnica, em que o tempo é sinônimo de lucro, são poucos os que são capazes de parar e ouvir o que os outros tem a dizer, e quando ouvem nem sempre estão livres das armadilhas do racionalismo.

A narração de uma parábola ou de história de Jesus, quando feita por autêntico narrador, nunca será mera repetição, antes se constitui em uma “atualização da tradição”, pois cada ouvinte poderá fazer sua própria interpretação retirando dela suas conclusões, basta que esteja preparado para ouvir. Acontece que, no ritmo acelerado em quem vive o mundo capitalista, nem os pseudonarradores dedicam-se a esse ensino e os adeptos do cristianismo não dispõem de tempo para ouvir as mensagens evangélicas, não obstante, dizem-se cristãos!

Por fim, Walter Benjamin dá a definição do narrador, e sem nenhum exagero, tal definição pode perfeitamente ser atribuída à pessoa de Jesus de Nazaré:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia...). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (...) o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo ( BENJAMIN, 1994, 221).

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter, **Magia e Técnica, Arte e Política**, Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Domingos Zamagna, Jorge C. Mota, Ivo Storniolo, Isaac N. Salum, Estevão Bettencourt. 5ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BENJAMIN, Walter, **Origem do drama barroco alemão**, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984.